

Novo EP de Ivete Sangalo com o clima de verão



PÁGINA 3

Aberta temporada de comédias românticas



PÁGINA 4 E 5

Morte de David Lynch joga luz sobre 'Duna'



PÁGINA 6

2º CADERNO

O

trio está de volta, mais entrosado que nunca. O brilhante piano acústico de Cristóvão Bastos, os saxofones e flautas

rascantes de Mauro Senise e o violão virtuoso de Romero Lubambo exploram, desta vez, o rico e inesgotável filão melódico, harmônico e rítmico de Garoto, o mestre maior do violão brasileiro.

“Nas longas horas que passei deleitando-me com este CD, ouvi as gravações originais de cada faixa pelo próprio Garoto. É impressionante sua modernidade, parece que está pedindo para tocar com esse trio contemporâneo – e vice-versa”, comenta o jornalista e crítico musical Roberto Muggiati, no texto de apresentação do álbum.

A tampa abre com “Duas Contas”, o samba-canção apresentado pela primeira vez no rádio em 1951 e interpretado por dezenas dos maiores nomes da MPB. Depois de uma introdução com flauta e piano, o violão de Lubambo expõe a bela melodia, retomada por um sax alto contido de Mauro e pelo toque impressionista do arranjo de Cristóvão. Mauro e Lubambo voltam para improvisos que se dissolvem numa coda sutil.

O choro “Jorge do Fusa”, com balanço contagiante, se presta a uníssonos da flauta de Mauro com o piano e o violão. “Infernal”, choro de 1943, tem a melodia levada num clima cool pelo sax soprano de Mauro e uma conclusão em tempo dobrado nos seus sucintos 3:56.

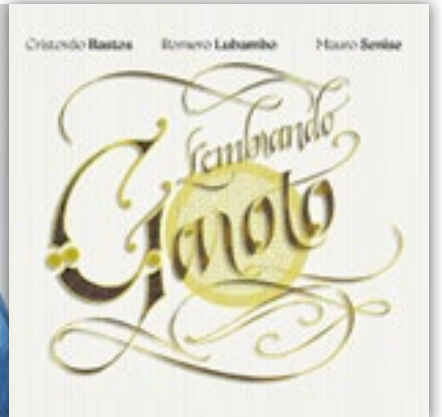
O samba “Lamentos do Morro” abre com uma introdução ao violão de Lubambo, que também fez o arranjo, beirando o flamenco, que Garoto adoraria. O tema segue com improvisos do violão, do sax alto e do piano cheios de suingue.

O choro-triste “Recordações”, enunciado suavemente pelo sax-alto, prossegue com o violão plangente e o piano dos antigos saraus e viaja de repente pela atmosfera nostálgica das modinhas. O saltitante choro Vamos aca-



Nana Moraes/Divulgação

Divulgação



Cristóvão Bastos, Romero Lubambo e Mauro Senise celebram a obra magistral de Garoto, um dos maiores músicos que o Brasil já produziu

Sempre Garoto!

Álbum de Cristóvão Bastos, Romero Lubambo e Mauro Senise evoca grandeza da obra do autor de ‘Gente Humilde’

bar com o baile faz jus ao título subversivo e se presta ao piccolo de Mauro em staccato, ao violão serelepe de Lubambo e ao piano sincopado de Cristóvão.

A canção “Gente Humilde” se tornou um hit póstumo ao ganhar letra de Vinícius de Moraes e retoques de Chico Buarque em

1970, com os pungentes versos finais: “E aí me dá uma tristeza no meu peito/Feito como um despeito de eu não ter como lutar/E eu que não creio peço a Deus por minha gente/É gente humilde, que vontade de chorar”. Toda a magia das antigas serestas evocada por esta obra-prima ressoa nos inspirados solos

alternados de Mauro (ao sax alto), Cristóvão e Lubambo. Depois da melodia exposta em uníssonos, vem o solo mais jazzístico de Mauro (ao alto). O piano de Cristóvão deita e rola nas síncopas. É a única faixa de Lubambo na guitarra elétrica, num improviso que lembra as acrobacias estilísticas de Wes Montgomery.

“Tristezas de um Violão”, também conhecido como “Choro Triste nº 1”, poderia levar a assinatura de Villa-Lobos. O sentimento é acentuado pelo violão pungente de Romero e pela flauta erudita de Mauro, enquanto Cristóvão nos leva de volta aos salões dos anos 1900. Romero faz sua homenagem com “Theme I”, composição complexa emulando o virtuosismo de Garoto, com uníssonos e solos vibrantes do violão e da flauta de Senise e uma breve, mas eloquente intervenção de Cristóvão ao piano.

É um tema de Cristóvão, “Lembrando Garoto”, que fecha o álbum, uma balada nostálgica com solos sentimentais e meditativos de Mauro no sax alto, Cristóvão e Romero, deixando-nos uma sensação de plenitude estética.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Cantora é investigada por alterar letra de canção
Daniela Mercury rebate Cláudia Leitte: 'Arte não é religião'

O episódio envolvendo Cláudia Leitte a troca do nome da orixá Iemanjá para Yeshua, nome de Jesus em algumas religiões cristãs, na música "Caranguejo", continua repercutindo. Desta vez, foi Daniela Mercury quem se posicionou. A cantora deixou claro que é contra linchamentos públicos e contra validar qualquer discussão no

tribunal da internet. No entanto, ela foi enfática ao afirmar: "Arte não é religião, arte é arte. Quando a gente vai cantar, estamos cantando a cultura da nossa cidade." "Sou amiga de Cláudia, acho que cada um tem que responder por si e explicar por que sente a necessidade de fazer isso", disse ao PS Notícias, de Salvador.

Polêmica

Claudia Leitte foi acusada de cometer intolerância religiosa em uma representação recebida pelo Ministério Público da Bahia. A representação classifica a mudança na letra da música como uma "conduta difamatória, degradante e discriminatória".

Polêmica III

Caso o MP considere pertinente, a presença dos compositores de "Caranguejo" também poderá ser solicitada. A canção é de Alan Moraes, Durval Luz e Luciano Pinto. Procurada, a assessoria de imprensa de Cláudia Leitte não comentou o caso.

Polêmica II

A denúncia foi apresentada pelo advogado Hédio Silva Jr., coordenador do Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras, e por Jaciara Ribeiro, sacerdotisa do terreiro Ilê Axé Abassa de Ogum. O MP agendou audiência para o dia 27.

Polêmica IV

"Mande os documentos para o advogado. Fizemos a 'Caranguejo' na época do Babado Novo. A ideia do refrão, inclusive, é minha. É um sucesso eterno, gravado por artistas como Ludmilla, Timbalada e Ivete", disse Durval ao portal LeoDias.



Reprodução

Garoto tocava qualquer instrumento de cordas que lhe caísse às mãos

Um gênio brasileiro

Reprodução



Garoto integrou o Bando da Lua, o grupo que acompanhava Carmen Miranda em sua bombástica carreira nos EUA

Considerado nosso equivalente do grande jazzista cigano belga Django Reinhardt (1910-1953), Garoto fez mais de 200 composições nos seus breves 39 anos. Anibal Augusto Sardinha (1915-1955), nascido em São Paulo, foi o quinto dos sete filhos de um casal de imigrantes portugueses, o primeiro nascido no Brasil. O sangue ibérico – com sua mistura de lusitano, árabe e judeu – justifica a comparação com Django e explica a complexidade de sua obra.

Com o pai e dois irmãos músicos, talento precoce, destacou-se aos 12 anos como o Moleque do Banjo e, não demorou muito, foi promovido a Garoto. Fazia maravilhas em todo e qualquer instru-

mento de cordas dedilhadas que lhe caísse às mãos.

Do seu arsenal figuravam violão, banjo, cavaquinho, violão tenor, bandolim, violino, guitarra portuguesa, guitarra havaiana, violoncelo, contrabaixo, violão quinto, rajão, bandola e uma criação sua, o bandolim-cello.

Durante dois anos, manteve um duo admirável tocando guitarra havaiana com a pianista Carolina Cardoso de Meneses.

Aos 24 anos, Garoto foi "fazer a América", deixando o Rio de Janeiro a bordo do vapor Uruguai, em 18 de outubro de 1939, a Segunda Guerra tinha começado em 1º de setembro com a invasão da Polônia pela Alemanha - os Estados Unidos só entrariam no conflito depois do

ataque japonês à base havaiana de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. Carmen Miranda finalmente liberou sua entrada nos EUA depois de 40 dias de tratativas.

Após uma temporada de oito meses no grupo que acompanha a Pequena Notável, o Bando da Lua, o violonista era aclamado pelo organista Jesse Crawford como o homem dos dedos de ouro. O sucesso de Carmen é bombástico, popular, já Garoto repercute na área mais seletiva do jazz. Não só acompanha Carmen, mas é o responsável pelas introduções e solos de todas as canções.

A turnê passa por Nova York, Detroit, Chicago, Washington, San Francisco, Pittsburgh, Saint Louis e vai até Toronto, no Canadá. As plateias admiradas incluem músicos como o pianista Art Tatum e o band-leader Duke Ellington.

Sua faixa "Benny Goodman no Choro" provavelmente foi inspirado por essa viagem, pensando não só no clarinetista e chefe de orquestra, mas também no seu fabuloso guitarrista, Charlie Christian, morto em 1942 aos 25 anos. Garoto apresentou este choro pela primeira vez na Rádio Nacional, com arranjo de Radamés Gnattali, acompanhado pela Orquestra Brasileira.

Gravada por dezenas de estrelas da MPB, "Gente Humilde" é a composição mais famosa de Garoto. Curiosamente, na época em que a gravou, o músico ofereceu uma versão com letra, de um colaborador espontâneo anônimo, que não chegou a ser gravada comercialmente. Foi interpretada uma única vez em 16 de novembro de 1951, no programa Ondas Musicais, da Rádio Nacional, pelo coral Os Cantores do Céu, com arranjo de Badeco e Severino Filho.

Aqui vai, a título de curiosidade: "Em um subúrbio afastado da cidade / Vive João e a mulher com quem casou / Em um casebre onde a felicidade / Bateu à porta foi entrando e lá ficou / E à noitinha alguém que passa pela estrada / Ouve ao longe o gemer de um violão / Que acompanha / A voz da Rita numa canção dolente / É a voz da gente humilde / Que é feliz."

Ivete Sangalo leva o clima de verão para seu novo EP

Divulgação

Margareth Menezes participa de faixa do projeto, que também terá versão audiovisual



Ivete recebe Margareth Menezes na gravação do samba-reggae 'Deixa Merecer'

Ivete Sangalo inicia 2025 com o lançamento do EP "O Verão Bateu em Minha Porta". O audiovisual, que foi gravado no pôr do sol de uma tarde de dezembro de 2024 em um dos pontos turísticos mais icônicos de Salvador, o Farol da Barra, chega iluminando e agitando a melhor época do ano.

"Esse projeto surgiu de uma necessidade real de compor para esse tempo verão. O sol, astro rei determinante e dono da substância

alegria, nos guiou nas composições. Falar sobre isso nunca foi tão prazeroso, já que não à toa o carnaval é

cravado em meio a estação do calor. Calor, amor e Ritmo, isso que faz o movimento", explica Ivete.

Com cinco faixas, o EP começa com "Energia de Gostosa", uma letra empoderadora somada

ao ritmo contagiante do pagodão baiano. Na sequência, a faixa que nomeia o trabalho, "O Verão Bateu em Minha Porta", uma música alegre vibrante e convida o público a participar. Uma música que mexe com o imaginário das pessoas e faz referência a cantiga "Pula Corda". Os vídeos das faixas também estão disponíveis no Youtube, o restante será lançado semanalmente.

O EP segue com o ritmo contagiante de "Tum Tum Tum Tugurungudum", terceira faixa, que traz a malemolência baiana e que não vai deixar ninguém parado. Na quarta faixa, Ivete convida a voz potente e inconfundível de Margareth Menezes para "Deixa Merecer (Deixa A Gira Girar/Filho De Rei)", um samba-reggae traz literalmente a força e o poder rítmico da nossa música.

"Lugar Perfeito" fecha o trabalho, uma verdadeira celebração ao verão e ao Carnaval, a canção de Anitta com Ivete Sangalo, que ganhou a versão ao vivo da baiana.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Batida marcante

Em parceria com Iza, o Léo Santana lança o single "Pra Balançar". A canção, que faz parte do projeto "Léo & Elas", foi gravada em Belo Horizonte e traz a dupla em mais um feat cheio de ritmo e batidas marcantes. A música mistura o tradicional pagode baiano com o pop, trazendo uma melodia única e cheia de swing. "Iza é uma artista sensacional, uma cantora de quem sou fã, que tem uma voz incrível, além de ser uma grande amiga. Quando pensei nesse projeto, ela foi um dos primeiros nomes que pensei", conta.

Divulgação



Divulgação

Nova parceria

Mumuzinho acaba de lançar a faixa inédita "De Pegas com Ex", em parceria com Michele Andrade. A música, que traz uma mistura irreverente de pagode com o forró pop da pernambucana, chega para somar ao lançamento do álbum "Conectado". Este primeiro projeto também reúne as 12 faixas já lançadas dos EPs 1 e 2 - entre elas "500km"; "Nem aí", em parceria com Rodriguinho; "Eu tô feliz"; "Black Love"; "Procura-se um amor", feat Belo; "Sou céu ou chão", com Thiaguinho; "A três", "Inconformado", com a participação de Péricles; "2022" e muitas outras canções.

Dona Isa/Divulgação



A força do amor

Destaque da MPB pop, o cantor e compositor mineiro Gabriel Gonti se une com Amanda Coronha no single "Nostalgia". A faixa reflete o poder transformador do amor em um vídeo poético dirigido por Dona Isa que brinca com os espaços e como ocupamos eles com nossas lembranças. A música é uma composição de Gonti com Lorena Chaves, repetindo a parceria do sucesso "A Gente de Dá Bem" e a produção é assinada pelo indicado ao Grammy Latino Túlio Airoid. Gabriel Gonti acumula mais de 50 milhões de plays nas plataformas digitais.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Amar é um verbo que se conjuga com prazer na arrancada de todo ano cinéfilo brasileiro à luz da combinação entre o riso e o lirismo, com casos históricos de sucesso nessa mistura como “Separações” (em 2003), “Malu de Bicicleta” (em 2011) e “Loucas Pra Casar” (em 2014), para listar bons exemplos nacionais. Nos primeiros dias de 2025, “Baby”, de Marcelo Caetano, fez o benquerer florescer em nossas telas, ao narrar o enlace entre um ex-detento Wellington (João Pedro Mariano) e um michê (Ricardo Teodoro).

Entre os lançamentos com CEP lá de fora, o que mais se alinha com o filão “gostar de alguém” é uma crônica social cheia de aspereza, gestada sob a cartilha indie dos EUA e laureada com a Palma de Ouro de Cannes: “Anora”. Com estreia por aqui agendada para quinta, a saga de uma stripper que vive uma fase Cinderela ao se casar com um milionário russo doído está cotada para o Oscar.

Tem humor (às pampas), tem lá os seus suspiros, mas não é uma narrativa que se enquadre na estética da RomCom, apelido dado por Hollywood à romântic comedy, qual “Uma Linda Mulher” (1990). Quem defende essa linhagem entre nós, neste alvorecer do primeiro semestre, é “Viva a Vida”, uma combinação bem azeitada de graça, lirismo e antropologia, construído numa ponte entre Rio de Janeiro e Israel pela diretora Cris D’Amato. Será lançada no dia 30 com força para emplacar no gosto popular. Lembra o rasga-miocárdio “O Candelabro Italiano” (1962), só que no Oriente Médio.

“Eu fui criada com a ‘Sessão da Tarde’. Fui alfabetizada por ela. Assistia a seus filmes logo que chegava em casa do colégio. Com ela, eu chorei muito. Com ela, sorri muito. Seus filmes ficaram em mim, assim como eu espero que ‘Viva a vida’ fique nas pessoas”, explica Cris ao Correio da Manhã numa coletiva de imprensa no auditório do Banco Daycoval, em São Paulo.

Abalada desde 2023 pelo recrudescimento de seu conflito com a Palestina, Israel vivia tempos menos alarmantes em 2022, quando Cris - uma das diretoras de maior bilheteria do país nos últimos 20 anos - foi até lá filmar. Um percurso longo pela pátria de cineastas consagrados como Amos Gitai e Eytan Fox foi essen-



Uma Israel que foge das abordagens de guerras e violência serve de oásis para o idílio entre Jéssica (Thati Lopes) e Gabriel (Rodrigo Simas) em ‘Viva a Vida’

Tem Cupido no circuito

Filão de sucesso, a comédia romântica, apelidada de RomCom, ganha um lirismo à moda brasileira com produções como ‘Viva a Vida’, que estreia dia 30 com fôlego para lotar salas

cial para a construção do espírito de road movie que guia a trama escrita (na medida precisa entra a doçura e a risada) por



Divulgação

‘Todo Mundo Ainda Tem Problemas Sexuais’ trata o desejo sob quatro prismas distintas

Natalia Klein. O título veio do bordão de seu produtor, Julio Uchôa, parceiro profissional da diretora há quase duas dé-

cadadas. A Ananã Produções, chefiada por ele, produziu a franquia que fez da realizadora sinônimo de salas cheias: “S.O.S.

Universal Pictures/Divulgação



O novo 'Bridget Jones' entra em circuito em fevereiro

Divulgação



Vencedor da Palma de Ouro em Cannes, o oscarizável 'Anora' está chegando ao circuito nacional

Divulgação



Produção espanhola, 'Histórias Que É Melhor Não Contar' brinca com o benquerer nas telas do Estação

Mulheres ao Mar". As partes I (2014) e II (2015) dessa saga náutica (de registro RomCom) venderam respectivamente 1.717.058 ingressos e 1.571.137 tíquetes. Ela ainda ultrapassou a barreira do milhão (de pagantes) com "É Fada!", de 2016, e "Os Parças 2", de 2019, feitos com outras parcerias. Em tudo que dirigiu, desafiou caricaturas e o sexismo.

"Nesse lugar do (filme de) gênero, a representatividade da mulher no cinema mudou e saiu do arquétipo da mocinha frágil, ganhando uma evolução, ficando mais parecido com o que a vida é", diz Thati Lopes, atriz escalada para protagonizar "Viva a Vida", num desempenho inquieto, capaz de transcender a persona cômica que a consagrou nos palcos e no coletivo Porta dos Fundos, na web. "A gente sempre é colocada em caixinhas. Por isso, é bom buscar caminhos diferentes".

Exibido nos EUA, na competição oficial do 28º Inffinito Brazilian Film Festival, "Viva a Vida" dá ao circuito aquele paladar crocante das RomComs com Meg Ryan. Na trama de Klein, um par de medalhões idênticos unem os destinos da antiquária Jéssica (Thati), uma jovem desiludida com relacionamentos, e Gabriel (Rodrigo Simas), um primo distante. Os dois partem mundo afora, até Isarel, atrás de uma terceira relíquia que pertence à misteriosa Hava (Regina Braga), cuja rotina com o marido, Ben (Jonas Bloch), será sacudida com a chegada dessa dupla do Brasil. Há uma conexão de amizade entre eles, mas o Cupido vai bagunçar esse rolê.

"Quero que o espectador enxergue a Israel que encantou o meu olhar, para além daquela Israel do noticiário, numa visão de um lugar encantador, numa visão do que aquele povo vive em seu dia a dia. É um olhar de encantamento, de respeito", explica Cris. "Filmamos com técnicos que eram de lá e com profissionais daqui, mas eu trabalhei o tempo todo como se fosse uma só equipe, unida sob aquela luz linda daquela paisagem natural. Uma paisagem que ofereceu muito pro Dante (Belluti, o diretor de fotografia). Tentei olhar aquele lugar a partir de um romance que se forma de modo inusitado, sem certezas prévias. Eu sou uma pessoa romântica, embora nem todos os meus ex-maridos achem isso. Levei esse romantismo para a cena".

Ainda no dia 30, as inquietações de nosso cinema sobre os quereres da vida viram pauta em "Todo Mundo Ainda Tem Problemas Sexuais", de Renata Paschoal. Trata-se de uma antologia sobre a vontade de potência do nosso coração, com quatro

histórias independentes, todas centradas em inseguranças e desejos. A melhor delas é a de um casal que se fragiliza quando decide abrir a relação para incluir uma nova integrante. Dudu Azevedo e Priscilla Rozenbaum são os achados do elenco. O roteiro se alinha com o legado anfíbio (meio teatro, meio cinema) de Domingos Oliveira (1935-2019), parceiro criativo de Renata em vários projetos. Ela produziu alguns dos exercícios audiovisuais mais respeitados e premiados do diretor e dramaturgo, como "BR 716", que ganhou um balde de Kikitos em Gramado, em 2016.

Em 2008, Domingos levou a peça "Todo Mundo Tem Problemas Sexuais" aos cinemas, numa sessão no Odeon, no Festival do Rio, que trazia Pedro Cardoso em vários papéis.

"Tentei atualizar as histórias e trazer uma equidade aos casais protagonistas. Busquei dar ao filme um olhar integralmente feminino, trazendo para as histórias protagonistas que se apropriam de seus desejos, de suas dúvidas e decisões, em total equidade aos homens. Nas equipes, também tínhamos muitas mulheres em todos os setores: fotografia, som, arte, produção e etc.", diz Renata.

Na seara gringa da RomCom, o Estação NET Botafogo anda exibindo todo dia, sempre ali pelas 18h40, o espanhol "Histórias Que É Melhor Não Contar", trazida até nós pela distribuidora Pandora. Há três anos, no Festival de San Sebastián, essa beleza (cujo título original é "Historias Para No Contar") arrancou gargalhadas. O longa se apoia na afiada reflexão afetiva de seu diretor, o catalão Cesc Gay. O Brasil já se acabou de gargalhar com ele em "Truman", de 2015, que era uma dramédia. Nessa produção de 2022, Cesc conta com um elenco AA europeu. Chino Darín (filho de Ricardo) e Anna Castillo (a estrela hispânica da vez) estrelam o primeiro segmento, sobre um encontro casual num parque para cães. Maribel Verdú estrela um episódio sobre ciúmes entre amigas que falam sobre o trabalho de dublê de corpo. O bamba Jose Coronado (de "Cerrar Los Ojos") põe o filme no bolso numa trama sobre um escritor que vai pedir a namorada em casamento.

Em fevereiro, no dia 13, a RomCom marcha uma vez para a consagração, só que com tempero à inglesa, com "Bridget Jones: Louca Pelo Garoto" ("Bridget Jones: Mad About the Boy"), com a garota enxaqueca imortalizada por René Zellweger dividida entre Hugh Grant e Chiwetel Ejiofor.

Dunas de um barato chamado David Lynch

Morte do mítico realizador de ‘Veludo Azul’ gera uma corrida por suas iguarias calcadas no insólito, como sua versão para o romance ‘Duna’

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sempre de ombreiras, por alegar aversão à sensação de frio nas omoplatas, David Lynch fez do cigarro seu companheiro por toda uma vida, que terminou aos 78 anos na última quinta, sob a fricção do enfisema pulmonar que começou a inviabilizar sua permanência nos sets, por travas respiratórias. Seu imaginário, entretanto, nunca foi travado por nada, apostando no insólito ao fragmentar signos que, no senso comum, deveriam ser domesticáveis.

Por isso, um casal idoso de feições fofas adquire uma perspectiva assustadora numa sequência de “Mulholland Drive”, que lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes de 2001. O insólito era o dispositivo que guiava a narrativa do cineasta e artista visual americano, nascido em Montana em 20 de janeiro de 1946. Sua recente participação como ator em “Os Fablemans” (2022), de Steven Spielberg, no papel do mítico realizador John Ford (1894-1973), foi um presente para quem ansiava por recuperar contato com sua filmografia, que se alternava entre longas, vídeos, curtas (como “What Did Jack Do?”, hoje na Netflix) e a série “Twin Peaks”, um cult da década de 1990 retomado em 2017, com direito à projeção no Palais des Festivals na Croisette. Havia



O jovem David Lynch entre Sting e Kyle MacLachlan no set de filmagens de ‘Duna’

um outro seriado, “Urecorded Night”, entre os projetos que sua fraqueza pulmonar encerrou, interrompendo uma filmografia coroada com a Palma de Ouro por “Coração Selvagem” (1990).

Quando Lynch estreou na direção de longas, em 1977, com “Eraserhead”, o audiovisual dos EUA curtia os momentos finais da centelha revolucionária chamada Nova Hollywood, a onda que renovou a maneira de se filmar por lá, a partir 1967, engajando a indústria cinematográfica num questionamento de práticas moralistas. Faziam parte desse bonde Martin Scorsese, Brian De Palma, Francis Ford Coppola, Elaine May, George Lucas e o já citado Spielberg, que tinham uma mirada de revisão simbólica da América. Na reta final, despontaram vozes autorais que se preocupavam com as entranhas desse país de ambição (e ego) continental: John Waters, John Carpenter e Lynch, catapultado ao estrelato com “O Homem Elefante”, em 1980. Ali, já de fazia notar seu

apreço pela estranheza, que entrou em erupção pela primeira vez em “Veludo Azul”, que lhe valeu uma indicação ao Oscar.

No início desta década, uma de suas iguarias, uma adaptação (finalizada em 1984) do romance de tom sci-fi “Duna”, de Frank Herbert (1920-1986), ganhou sobrevida, a reboque da nova versão desse tratado literário da fantasia feita pelo canadense Denis Villeneuve. Nessa nada ortodoxa ficção científica lynchiana, Kyle MacLachlan, o ator fetiche do cineasta nos anos 1980, foi escalado para viver o messiânico aristocrata das estrelas Paul Atreides. Esse longa pode ser visto hoje na plataforma Prime Video da Amazon, onde se encontra muita coisa de Lynch.

Seu “Duna” marcou época por sua desastrosa carreira comercial e por um visual considerado cafona para a era em que os efeitos visuais se tornaram essenciais. Confusões à parte, a produção tão... exótica... filmada por ele em meados da década de 1980 está de novo no meio de nós, na Amazon. O tempo lhe fez bem, pois é difícil não se divertir com sua bizarrice e com a presença do cantor Sting no elenco. Infelizmente, a versão disponível

nas plataformas digitais não preservou a dublagem original, com Garcia Júnior emprestando o vozeirão a MacLachlan.

Ainda sob o impacto da trilogia original de “Star Wars”, lançada por George Lucas de 1977 a 83, o produtor italiano Dino De Laurentiis (1919-2010) farejou nos parágrafos de Herbert uma mina de ouro. Antes de Lynch ser convocado para pilotar essa narrativa, vários nomes famosos foram cotados para pilotar o épico futurista messiânico sobre um jovem aristocrata, Paul Atreides (MacLachlan, em sóbria atuação), filho do Duque Leto (Jurgen Prochnow), cuja missão é guiar seu povo na busca pela Especiaria (chamado “tempero” em algumas traduções). Trata-se de uma substância capaz de garantir a sobrevivência de sua raça. Saído do sucesso de “Alien – O Oitavo Passageiro” (1979), Ridley Scott foi um dos talentos cotados para rodar o longa. Só não assumiu o compromisso por problemas pessoais que o afastaram dos sets por um período que coincidia com a rodagem prevista por De Laurentiis.

Antes dele, Jack Nicholson, que se meteu a cineasta em “Com a Corda No Pescoço” (1978), chegou a ser cogitado para pilotar essa ficção científica de tintas lisérgicas. Por sorte, os ventos da sensatez varreram as pretensões mais surrealistas de Nicholson para longe, uma vez que Dino não via no ator a retidão ideal pra assumir um longa daquele porte. Houve ainda um projeto de “Duna” concebido pelo cineasta, quadrinista, escritor e xamã chileno Alejandro Jodorowski, trazendo Orson Welles, David Carradine e – acredite ou não – Salvador Dalí para o elenco. Sem o carimbo de aprovação do escritor, Jodorowsky saiu da empreitada.

Cabeça fresca

Na busca de um diretor com a cabeça fresca de ideias para rodar “Duna”, Dino De Laurentiis resolveu convocar o responsável pelo aclamado “O Homem Elefante”, que havia sido indicado ao Oscar e estava em seu apogeu. Com um orçamento que inflacionou até beirar US\$ 45 milhões, investidos em uma filmagem tortuosa, que durou de 29 de abril de 1983 a 8 de fevereiro de 1984, “Duna” foi um fracasso comercial doloroso para Dino De Laurentiis e seus associados. Nas bilheteria, o longa, cujas locações foram buscadas na Califórnia e no México, teve uma arrecadação de cerca de US\$ 27,4 milhões. Apesar dessa decepção financeira, um clássico trôpego nasceu ali, com a assinatura autoral de Lynch, em seu olhar para o sonho. Um olhar que nos salvou da mesmice.

No próximo dia 31, o Estação NET Botafogo vai exibir “Eraserhead”, às 23h59.

Gabriela Mendes/Divulgação



Histórias de Teatro e Circo

Davi Mello/Divulgação



Janeiros

Mamulengos de geração em geração

Companhia formada uma família inteira mantém viva tradição dos bonecos em cena

Depois de temporadas de sucesso no CCBB Belo Horizonte e CCBB Brasília, a “Mostra Carroça de Mamulengos: Três Gerações de Arte Brincante” chega ao Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Os três espetáculos que integram a mostra representam diferentes recortes históricos da Cia Carroça de Mamulengos, trupe itinerante formada por três gerações da família Gomide-França: “O Babauzeiro” remete à origem, “Histórias de Teatro e Circo” consagra o nascimento dos filhos, e “Janeiros” representa a passagem da condução da companhia aos filhos.

A Cia Carroça de Mamulengos foi criada em Brasília há 47 anos pelo bonequeiro Carlos Gomide e a atriz Schirley França. Desde então, o casal viveu na estrada com seus oito filhos, que nasceram e cresceram em cena. Formada por brincantes, atores, músicos, bonequeiros, conta-



Babuazeiro

dores de histórias e palhaços, a família já alcança sua terceira geração de artistas. Pais, mães, filhos, netas, noras e genros vivem o desenvolvimento de uma arte que dialoga com a cultura popular do Brasil e do mundo.

Representando a origem do grupo, “O Babauzeiro” traz os primeiros bonecos recebidos por Carlos Gomide das mãos do mestre paraibano Antônio do Babau. Essa encenação pode ser considerada o ponto de par-

tida da tradição do mamulengo contemporâneo brasileiro. Em “Janeiros”, o público acompanha o momento em que os filhos assumiram a condução da companhia para contar suas próprias histórias, recriando linguagens e

convidando outros artistas para contribuir com suas criações.

A grande pérola da mostra é “Histórias de Teatro e Circo”, com cenas que existem há mais de 30 anos. A montagem traz a ancestralidade e a tradição de toda a família Gomide-França para o palco: avós, filhos, noras e netas, totalizando 23 pessoas e muitos bonecos. Mais do que um espetáculo, o público vai encontrar uma tradição rara de se ver, uma trupe de artistas seguindo uma tradição familiar, um modo de vida que atravessa o tempo e a memória.

SERVIÇO

MOSTRA CARROÇA DE MAMULENGOS
Teatro II - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 23/2
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)
Programação completa: www.bb.com.br/cultura

CRÍTICA / RESTAURANTE / MANOEL & JOAQUIM

Ele é carioca...

Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há dias que parecem não ser barro, nem tijolo. Chuvisco, graças a la Niña, filho vindo de São Paulo, preparação para o convescote doméstico. Lembranças, muitas lembranças. João, o filho, ficou lembrando o Filé à Osvaldo Aranha que Nii-ca, sua avó e minha mãe, fazia de perfeição. A saída da praia de Ipanema quando ele, irmão e primos eram levados para comer pastel nos botecos de então.

Resolvemos ir ao Manuel & Joaquim que ocupa a estratégia esquina da Farme de Amoedo com Barão da Torre, quando passamos a caminho do mar. Radicalizamos na vida de outrora. Sentamos na varanda para ver o movimento e para abrir os trabalhos, logo vieram dois chopes na pressão e geladíssimos. Com prazer, ficamos com o bigode da espuma. Os pastéis crocantes, com o queijo catupiry de verdade escorrendo, o camarão naquele ponto exato.

Como clima era “ai que saudade que tenho da minha infância



Picanha na chapa e a Batata Joaquim, duas das delícias do Manoel & Joaquim

querida”, João pediu o croquete do Alemão e ainda dobramos os pasteis com o imbatível recheio de caranguejo, pura carne, com ca-

pricho no tempero. E resolvemos dividir o Filé à Osvaldo Aranha com guarnição extra de batata frita à francesa, para não termos

qualquer dúvida que a proposta não era botequim gourmetizado, mas comida raiz das melhores.

Filé mignon daqueles de três

dedos de altura, tostado por fora, sem gordura, com o suco escorrendo para fazer o prato devido. Misturar arroz, farofa, batata e o molho da carne, colocar o alho frito, ir dando garfada na mistura, espetando o filé e jogando conversa fora sobre futebol, política, os tempos que correr. E ainda comendo as batatas francesas, crocantes, presunto de qualidade, cebolas e ervilha de pacote, não aquela sem graça de lata.

Pensamos que estamos em idade de crescimento, o que permite aquele supeer sobremesa, fomos de Viva o Gordo, exclusividade do Manoel & Joaquim.

É um prato cheio de bananas empanadas e fritas com canela, açúcar e sorvete de creme. Depois de tantas saudades “matadas”, saímos e até vimos que a garota de Ipanema ainda existe.

SERVIÇO

MANOEL & JOAQUIM
Rua Farme de Amoedo 162 – Ipanema

De segunda a quarta (11h a 0h30), quintas (11h a 1h), sextas e sábados (11h às 2h) e domingos (11h a 1h)

**PADDINGTON:
UMA AVENTURA NA FLORESTA**

BRUNO GAGLIASSO
COMO A VOZ DO
PADDINGTON

23 DE JANEIRO EXCLUSIVAMENTE NOS CINEMAS